

## **TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA: DESAFIO PARA PRODUTORES DE LEITE DE CACHOEIRA DO SUL, RIO GRANDE DO SUL<sup>1</sup>**

**Agne, Chaiane L.<sup>2</sup>; Puntel, Daiani<sup>2</sup>; Mohr, Deise L.<sup>2</sup>; Böck, Maristela S.<sup>2</sup>, Skolaude, Milena C.<sup>2</sup>; Zillmann, Vera Regina<sup>2</sup>; Marques, Flávia Charão<sup>3</sup>**

**Palavras-chave:** agricultura familiar, sustentabilidade, agroindústria.

### **INTRODUÇÃO**

A agricultura familiar representa 85% das propriedades rurais do país e produz, aproximadamente, 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira (Sociedade, 2004). Por outro lado, historicamente, é o segmento da agricultura brasileira que menos contou com políticas específicas, já que não esteve incluído no modelo agro-exportador predominante desde o início da vida econômica brasileira. Ocupando, muitas vezes, zonas marginais a agricultura familiar ao substituir suas práticas tradicionais pela agricultura 'modernizada' chegou a uma situação de insustentabilidade e fragilidade, devido à grande dependência por insumos externos energeticamente onerosos e esgotáveis, e aos problemas ambientais inerentes ao processo. De acordo com as Nações Unidas, já em 1991, 38% da terra cultivada havia sido danificada, em algum nível, por práticas agrícolas desde a Segunda Guerra Mundial (Oldeman et al., 1991).

Em que pese a afirmação de Brumer et al. (1993), que aponta que a legitimidade dos agricultores familiares está longe de ser reconhecida, o esforço dos mesmos para delimitar seu espaço social nos últimos anos tem aberto novas possibilidades. Mesmo que as questões econômicas sejam preponderantes, ante a necessidade de reprodução das famílias, questões relativas a sustentabilidade e, conseqüentemente, ao modelo tecnológico vêm sendo incorporadas. Hoje, a agricultura familiar responde por 70% da produção agroecológica no Brasil; dado expressivo que está fazendo com que o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) passe a oferecer 50% a mais de crédito para os que desejarem investir no setor (Brasil, 2004).

Para que haja um avanço seguro e duradouro na direção da legitimação da agricultura familiar e da agroecologia há a necessidade de ampliar o conhecimento a cerca dos agroecossistemas nas diferentes regiões brasileiras, contribuindo para a elaboração de planejamentos adequados às realidades locais. Neste sentido, o presente trabalho objetivou caracterizar agroecossistemas, na região Central do Rio Grande do Sul,

<sup>1</sup> Parte de trabalho realizado para disciplina Agroecossistemas II.

<sup>2</sup> Alunas do curso de graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial. [chaianelealagne@bol.com.br](mailto:chaianelealagne@bol.com.br)

<sup>3</sup> Professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/ [www.uergs.edu.br](http://www.uergs.edu.br) - Rua 7 de setembro, 1040. Cachoeira do Sul/RS, CEP 96506-500. [flavia-marques@uergs.edu.br](mailto:flavia-marques@uergs.edu.br)

fazendo uma reflexão sobre as motivações e as dificuldades dos agricultores interessados na transição do sistema convencional para o sistema agroecológico de produção.

### **MATERIAIS E MÉTODOS**

Para a realização deste estudo foram selecionadas unidades de produção agrícola (UPA) localizadas no município Cachoeira do Sul, localidades de Forqueta e Cerrito, distantes 8 Km ao norte da sede. As três unidades estudadas estão inseridas em microrregiões ambientalmente similares, estão em fase de transição para agricultura ecológica e têm predominância de mão-de-obra familiar. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, orientadas por um roteiro contendo questões relativas fatores ecológicos; características de infraestrutura; limitantes econômicos externos e fatores operacionais internos (Altieri, 2002), além de itens sobre identidade e condições de vida. Com a participação dos agricultores entrevistados foram feitas observações a campo conforme roteiro estabelecido previamente. De modo complementar foram obtidas informações junto à EMATER (Empresa de Assistência Técnica Rural) do município.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Segundo as informações da EMATER, nas localidades de Forqueta e Cerrito, 80% dos estabelecimentos rurais têm até 20 hectares, correspondendo a cerca de 240 famílias que cultivam arroz, fumo, milho, hortigranjeiros e, em maior escala, produzem leite. Com relevo ondulado, encontra-se elevações com declínio de até 10% e o solo predominante é classificado como Argissolo Vermelho distrófico (Streck et al., 2002).

Todas as unidades de produção estudadas conservam faixas de mata nativa, que servem como abrigo para o gado; os recursos hídricos existentes são satisfatórios (açudes, vertente natural e poço artesiano), suprimindo totalmente as necessidades. As unidades são diversificadas (Tabela 1), sendo que a principal fonte de renda dos agricultores provém da atividade leiteira, cujas produções variam de 20.000 a 72.000l/ano. Quase todos os alimentos consumidos pelas famílias são produzidos nas UPAs (inclusive peixes, aves e suínos), outros gastos limitam-se entre 2 a 5% da renda mensal.

As diferentes formas de comercialização do leite e o acesso a financiamentos têm reflexos sobre a renda dos estabelecimentos (Tabela 1). A agroindustrialização própria na UPA C e a conquista do selo de qualidade “Sabor Gaúcho”, conferido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, são um diferencial significativo, permitindo a conquista de melhores espaços no comércio local (tem apenas inspeção municipal). Cabe mencionar que este agricultor possui apenas 1,5ha próprios, de modo que, além de arrendar outros 10 ha, ainda compra leite dos vizinhos para processar.

**Tabela 1. Características e atividades das três unidades de produção agrícola (UPA) estudadas nas localidades de Forqueta e Cerrito, Cachoeira do Sul/RS.**

	UPA A	UPA B	UPA C
Área (ha)	4,5	15,0	11,5 (10 ha arrendados)
Principais Produtos	Leite e hortaliças	Rapadura e leite	Leite tipo C e iogurte
Industrialização	Não	Sim (Cana-de-açúcar)	Sim (leite)
Comercialização do leite	Usina (empresa)	Cooperativa	Venda direta
Renda Líquida/ano*	R\$ 6000,00	R\$ 8000,00	R\$ 24000,00
Principais Cultivos	Hortaliças, cana-de-açúcar, frutas, cameron, azevém	Cana-de-açúcar, milho, mandioca, amendoim, frutas, hortaliças, aveia, azevém	Hortaliças, frutas, cana-de-açúcar, aveia, azevém e pastagem nativa
Acesso a financiamentos	Não teve	PRONAF (animais)	PRONAF (agroindústria)

\* Renda proveniente da agricultura.

A UPA B também conta com uma agroindústria, produzindo açúcar mascavo e rapadura, que são comercializadas em feiras livres da região, já que os produtos não são inspecionados, estão trabalhando no sentido da adequação à legislação para obtenção de licenciamento, buscando ampliação de mercado. Nas unidades A e B, as famílias pretendem obter o selo da rede Ecovida (certificação para produtos ecológicos), a primeira para hortaliças e a segunda para melado, açúcar mascavo e rapadura, neste processo estão recebendo incentivo e assistência técnica do CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor). A ação desta organização não governamental é apontada pelos agricultores como crucial para a transição o sistema agroecológico, através do suporte técnico, cursos de capacitação e motivação. Embora os agricultores afirmem que a atuação da EMATER é pouca nessas localidades, apontam que a promoção de cursos de capacitação nas áreas de conservação do solo e dos recursos naturais, utilização dos dejetos dos animais, compostagem, caldas e cobertura morta têm sido importantes.

Os agricultores relacionam o crescimento das áreas de produção de fumo na região, nos últimos anos, ao aumento no uso de agrotóxicos e ao maior aparecimento de doenças e pragas nas plantas cultivadas. Percebem, também, problemas de erosão e empobrecimento do solo, associando-os ao uso intensivo e a práticas inadequadas para o tipo de solo, principalmente nas unidades A e C, onde sempre houveram arrendamentos. O agricultor da unidade A também exerce a função de pedreiro, obtendo renda significativa, porém expressa o desejo de 'viver só da agricultura'. Nas unidades A e C os agricultores trabalham há 5 anos nas áreas e a faixa etária gira em torno dos 40 anos, a família (casal com mais de 50 anos) da unidade B sempre viveu da agricultura e na mesma área. É perceptível que a motivações são diferentes, nos casos A e C há predominância da visão econômica, ligada a expectativa de crescimento, inclusive de

compra de terras; o agricultor da unidade B demonstra um apego maior ao local. Por outro lado, os discursos convergem para a idéia de que a terra e a natureza são patrimônios que devem ser preservados e são garantia de segurança alimentar.

Nos três casos estudados práticas como compostagem, consórcio e rotação de culturas, cultivo mínimo, uso de sementes próprias são verificadas, já não há uso de herbicidas e fungicidas, porém relatam a utilização de iscas formicidas. Dentre as dificuldades de ordem técnica para a adoção total do sistema ecológico, os agricultores são unânimes em apontar a substituição ou abolição do uso dos carrapaticidas e medicamentos nos animais como mais relevantes. Isto evidencia algo que Zanella (1998) já chamava a atenção, que é o fato de os sistemas de produção animal, muitas vezes, têm sido excluídos do pensamento macro da sustentabilidade da agricultura.

Mesmo fazendo parte do Sindicato de Trabalhadores Rurais e outras entidades comunitárias locais, os entrevistados sentem dificuldades de organização, apontando este fator como obstáculo para a melhoria do planejamento e gerenciamento das propriedades e para comercialização de seus produtos. Este panorama começa a mudar e há uma expectativa positiva, já que recentemente foi inaugurada a Feira Ecológica de Cachoeira do Sul, que deverá ampliar significativamente as potencialidades de mercado.

## CONCLUSÃO

O estudo dos três casos permite concluir que: os agricultores relacionam os problemas ambientais às técnicas da agricultura convencional; a transição para a agricultura ecológica está promovendo melhorias ambientais, na qualidade de vida e maior rentabilidade às famílias; o acompanhamento técnico e o incentivo do CAPA e EMATER foram fundamentais para a decisão pela transição; a maior dificuldade de ordem tecnológica se encontra no sistema de produção animal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Ministro Miguel Rossetto defende na Biofach a inclusão social da agricultura orgânica**. Disponível em: <http://www.mda.gov.br>. Acesso em: 11 setembro 2004.
- BRUMER, A.; DUQUE, G.; WANDERLEY, M. de N. B. A exploração familiar nas sociedades capitalistas dependentes. In: LAMARCHE, H. (org.). **A agricultura familiar**. Campinas: UNICAMP, 1993.
- OLDEMAN, L.R. et al. **World map of the status of human-induced soil degradation: an explanatory note**. 2.ed. Wageningen: International Soil Reference and Information Centre, 1991.
- SOCIEDADE Brasileira para o Progresso da Ciência. **Agricultura familiar predomina no Brasil**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/>. Acesso em: 06 junho 2004.
- STRECK, E. V. et al. **Solos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- ZANELLA, A. J. A criação animal sob o aspecto ético. In: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. (orgs.). **Reconstruindo a agricultura**: idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.